

# Hermenêutica, psicanálise e o movimento da cultura contemporânea

*Dulce Duarte Lopes\**

## RESUMO

A existência humana é complexa o suficiente para ser retratada de maneira genérica. Uma vez que o seu representante precisa ser encontrado em sua pluralidade e analisado nas perspectivas psicológica, psicanalítica e cultural, apresentam-se como ferramentas que propiciam a disposição de uma interlocução acerca do sujeito humano. Assim, o espaço entre a Hermenêutica e a Psicanálise bem como a cultura contemporânea possibilitam esse movimento. Portanto, é preciso mencionar que o homem, em sua existência, é um Ser de falta, e o conhecimento oriundo disso torna-se inevitável o conflito interno. Com isso, pretende-se salientar que o sujeito é levado a se compreender para ser capaz de se possuir, transformar-se, alcançar-se, superar-se e se libertar. A psicanálise proporciona, nesse sentido, a interpretação desse ser que deseja e age em função da realização, da transcendência e, motivado pela morte, é capaz de se revoltar e afirmar o valor da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hermenêutica. Psicanálise. Cultura. Homem.

## ABSTRACT

Human life is complex enough to be portrayed in a generic way. Once the agent must be found in its plurality and analyzed as it, the psychological instances, psychoanalytic and cultural, they are presented as tools that allow the provision of a dialogue about the human subject. This way, the space between the Hermeneutics and Psychoanalysis and contemporary culture allow this movement. Therefore, we must mention that the man in his unique and plural condition is a being of frustration. However, conflicts are exactly that form. The knowledge from it becomes inevitable internal conflict. This is intended to emphasize that the subject is led to understand to be able to have, become, achieve, overcome and be free. Psychoanalysis provides in this sense the interpretation of this man that wishes and act on the basis of achievement, of transcendence, motivated by death is able to rebel and assert the value of life.

**KEYWORDS:** Hermeneutics. Psychoanalysis. Culture. Man.

---

\* Mestre em Psicologia pelo CES/JF. Professora do CES/JF. dulce.duartelopes@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma proposta de diálogo entre a psicanálise e hermenêutica motivado por inquietações acerca do sujeito humano. Mas que sujeito? Não parece possível falar de um ente que represente a existência humana de forma genérica. Para tanto, é necessário localizá-lo, de tal forma que para falar dele sejam utilizados recursos da sua dimensão psicológica, psicanalítica e filosófica. A Filosofia de Paul Ricoeur (1991) discorre sobre o homem, sobretudo, enquanto sujeito ético da ação. O sujeito de desejo que deve ter autoria de sua vida, que responde por si e que sofre processos de assujeitamento, de apagamento, de tolhimento, que o impedem de ser (RICOEUR, 1977).

Dessa forma, para embasar o diálogo entre Psicanálise, Psicologia e cultura foi utilizado o discurso de Paul Ricoeur para falar sobre a Hermenêutica e Psicanálise e o movimento da cultura contemporânea.

Há urgência de se compreender em um mundo fragmentado e fragmentador, pois todos são testemunhas da dificuldade de ser homem nesta virada de século (FRANCO, 1995). A compreensão de si mesmo é fundamental para se transformar, para se ultrapassar, para se libertar, para tomar o si como tarefa do eu enquanto primeira frente de trabalho.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Ricoeur (1977) é um dos mais notáveis hermeneutas da atualidade. Conforme a sua proposta de discurso, toda reflexão já é interpretação, toda interpretação implica uma interpretação do próprio homem. O seu trabalho tece hipótese sobre o homem em campos tão diversos quanto a psicanálise, a filosofia da religião, a história e a teoria dos textos.

Como a psicanálise entra nesse discurso sobre a experiência humana? De fato Paul Ricoeur(1977) possui uma leitura precisa da obra de Freud (1969) que se caracteriza por ver na fala da psicanálise uma dualidade de discurso. Segundo Ricoeur (1977), a força da psicanálise reside exatamente por sua recusa em optar entre uma análise do homem somente em termos de forças ou somente em termos de sentido. De acordo com Ricoeur (1977), a psicanálise é tanto uma hermenêutica que compreende os sentidos, como uma energética que explica as forças em jogo na mente humana. A filosofia do autor sustenta a psicanálise e a

psicanálise, por sua vez, dá gosto humano à filosofia do autor.

Há uma visão de homem que emerge do imbricamento de hermenêutica e psicanálise. Indaga-se como uma compreensão mais profunda do homem e da vida pode socorrer o ser humano em sua luta por emancipação, por realização e liberdade.

É preciso esclarecer que não é propósito produzir uma nova hermenêutica de textos, de cultura, de fala humana ou do inconsciente. Não se trata de uma tese sobre Freud, é Freud através de Ricoeur.

Antes de discorrer sobre Hermenêutica Psicanalítica, é necessário fazer algumas colocações sobre a Trajetória da Hermenêutica.

O vocábulo grego *ermeneia* já há muito havia desaparecido da terminologia latinizada da ciência, quando, na esteira do renascimento e da Reforma, a teoria da interpretação começou a se desenvolver como disciplina autônoma. Assim, a questão hermenêutica do problema técnico transforma-se em problema Filosófico. A trajetória da hermenêutica moderna como problema filosófico constitui as várias repercussões que o processo da hermenêutica dos Filósofos teve no outro campo, sempre próximo, dos exegetas e dos teólogos.

Schleiermacher (1768-1834) é considerado, de comum acordo, o pai da hermenêutica moderna. Segundo uma sua definição “Interpretar é uma arte, uma arte cujas regras só podem ser elaboradas a partir de uma fórmula positiva; esta consiste numa reconstrução histórica (ou comparativa) e intuitiva (ou divinatória), objetiva e subjetiva do discurso ou texto estudado” (MANNUCCI, 1985, p. 327).

Portanto, a principal coisa para fazer uma autêntica interpretação é ter uma compreensão divinatória, a capacidade de sentir-com, de com-penetrar-se de sin-tonizar, de entrar na vida daquela pessoa que queremos compreender nos seus escritos. Trata-se, de uma espécie de interpretação global, não puramente intelectual, mas cordial, afetiva. Todavia a compreensão divinatória deve ser acompanhada por outro tipo de compreensão chamada comparativa, que trabalha com toda a variedade de notícias, dados positivos de caráter histórico, gramatical, entre outros.

W. Dilthey (1833-1911) prossegue e aprofunda o horizonte aberto por Schleiermacher. Dilthey distingue entre Ciências da natureza e Ciências do espírito, de modo que as primeiras seguem o método da explicação (*ERKLÄREN*: o explicar); as segundas seguem o método da

compreensão (*VERSTELLEN*: o compreender).

M. Heidegger (1889-1976) radicaliza a intuição da imanência do conhecer a vida. O fato de que a vida do espírito é compreensão, cria a possibilidade não só das ciências históricas, mas também das ciências naturais. Com Heidegger a compreensão é colocada como fundamento da existência humana como tal. (HEIDEGGER, 1970).

A colocação heideggeriana, além de dar um incremento decisivo à total radicação histórica e ontológica do ato hermenêutico, tem sua maior novidade na atribuição de um papel decisivo para a conexão do interpretar com o projetar e por isso com as categorias do futuro e da decisão.

Heidegger (1970) busca no homem o surgir do ser e o reconhece na linguagem. O Homem-*Dasein* descobre, segundo ele, o grande milagre ontológico, isto é, vê que em torno de si pode não existir nada, mas existem seres. Como os descobre? Não porque o homem, mediante uma reflexão racional, chega até uma substância metafísica subjacente às coisas que vê. Pelo contrário, é o ser que vai para o Homem-*Dasein*, dá-se a ele, revela-se a ele, e assim se realiza o evento do Ser. O nada é apenas o véu do Ser, o véu que oculta o Ser e o Homem é o Pastor do Ser. O Ser chama o Homem, interpela-o e o Homem o ouve, entende-o, decifra-o. O *Dasein* é o único existente em condições de captar os seres que estão em torno dele é a antena que recebe as chamadas do Ser. O Homem é o Pastor do Ser e a linguagem é a casa do Ser (HEIDEGGER, 1970).

H. G. Gadamer (1973), discípulo de Heidegger, salienta que o Homem não é unicamente projetado para possibilidades futuras, mas também nasceu de um passado. Ele não só vai para algum lugar, mas vem de um espaço. Essa origem do Ser-Homem reveste-se para Gadamer (1973) de um significado hermenêutico particular, porque em virtude dessa origem a pré-compreensão é alimentada por uma Tradição e pelas Tradições.

A Hermenêutica Filosófica segundo Heidegger e de Gadamer servirá de suporte, no campo bíblico-teológico, à nova Hermenêutica. Habermas (1986) reconhece valor e mérito à Filosofia hermenêutica, mas se opõe à sua pretensão de universalidade, assim a crítica é a única com dimensões de universalidade, concretamente a Filosofia como crítica das Ideologias. A razão humana pode mais que a hermenêutica

julga. Habermas (1981) serve-se, sobretudo, do exemplo da Psicanálise.

Como ela descobre uma deformação da capacidade comunicativa do paciente, produzida por uma força oculta, inconsciente, assim a crítica, a hermenêutica aberta a ela, deve reconhecer as forças ocultas na transmissão da tradição que deturpam sua linguagem e são estranhas a ela (HABERMAS, 1981).

A hermenêutica do autor como “crítica das ideologias” subjacentes também à linguagem, como também a Filosofia marxista de E. Bloch, terão uma influência decisiva sobre a hermenêutica político-histórica e sobre a teologia política, tanto no campo protestante como católico.

A hermenêutica psicanalítica com métodos e instrumentos próprios e também diferentes entre si se encarrega de explorar os impulsos mais profundos do psiquismo humano, em cujo âmbito toma forma e se desdobra toda esperança humana. Portanto, a Psicanálise é uma hermenêutica desinibidora, que procura decifrar as efetivas pulsões inconscientes que determinam o nosso confronto.

Sabemos também que a palavra é o único meio terapêutico ao qual recorre a psicanálise. No diálogo entre psicanalista e paciente, todo tratamento consiste numa arte interpretativa, que, através do discurso rememorativo do paciente, descobre os significados ocultos que a inibição aprisionou nos sintomas corporais, nos ritos compulsivos, nas relações humanas perturbadas, nas lacunas e distorções do próprio falar do pacientes.

Freud (1969) já havia elaborado esse princípio terapêutico numa ciência da interpretação, que ele pensava poder transferir para todo tipo de discurso, falado ou escrito.

A experiência religiosa, de qualquer espécie, não constituiria exceção: ela mesma está mergulhada nos impulsos mais profundos da psique humana e lhe dá forma. Para Freud, a moral é somente Ilusão Moral, toda ela redutível à introjeção das proibições parentais. A religião é somente ilusão religiosa, nada mais do que um avanço infantil e arcaico da vida afetiva edípica. Este *a priori* da religião entendida como a substituição ilusória de um objeto que o Homem não sabe mais alcançar, a confissão oblíqua de uma culpa originária mantida no estado reprimido e a reconciliação não conseguida, realizada sob a forma de compromisso que repete como os atos neuróticos, o crime e o seu

cancelamento, acompanha Freud quando ele se aproxima da Bíblia, cuja leitura a sua tradição hebraica já o havia familiarizado.

A interpretação Psicanalítica de Freud e dos seus discípulos tem precisamente a pretensão de decifrar a linguagem inconsciente de desejos, de conflitos, de crimes que o texto bíblico viria ocultar, ainda que conservando traços indelévels. Tais vestígios manifestar-se-iam nas lacunas e nas distorções ainda evidentes no texto, assim como soa. Como se vê aqui, estamos ainda no *decrytage* redutivo de Freud que coloca os textos sagrados sob a grade da teoria do Complexo de Édipo. O problema está em saber se este inaceitável apriorismo redutivo pode ser dissociado do paradigma hermenêutico-psicanalítico, de modo que ele se torne puro e simples instrumento de análise de textos sagrados, em todo caso não dissociável de outros instrumentos.

## 2.1 A HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

A contribuição mais rigorosa da hermenêutica psicanalítica à exegese bíblica e à teologia cristã, veio da releitura que dela fez o filósofo crente de confissão Evangélica, Paul Ricoeur (1977), cuja reflexão hermenêutica aponta precisamente para a integração crítica da hermenêutica desmistificadora, sobretudo aquela psicanalítica, no âmbito mais compreensivo de uma hermenêutica restauradora do sentido, e analogamente, à integração da análise estrutural da linguagem no interior de uma hermenêutica intencional e histórica do discurso.

Ricoeur (1977) parte da leitura, tipicamente contemporânea, daqueles pensadores emblemáticos, os mestres da suspeita, Marx (1978), Freud (1996) e Nietzsche (1976), os quais nos acostumaram à idéia de que a nossa consciência é freqüentemente camuflada, mascarada, contrafeita, mistificada, numa palavra, falsa, e que também o *cogito* pode ser mentiroso. Paul Ricoeur (1977,) salienta “Depois da dúvida sobre a coisa, entramos na dúvida sobre a consciência (FRANCO, 1995, p. 191). Mas esses três mestres da suspeita não são três mestres do ceticismo. Certamente, são três grandes destruidores, contudo nem isto deve dar-nos a impressão de que estamos perdidos; a destruição, diz Heidegger (1970) *em Sein Und Zeit*, é um momento de uma fundação totalmente nova.

A hermenêutica se torna uma decodificação, isto é, as descobertas das significações ocultas por trás dos jogos lingüísticos.

## 2.2 REFLEXÃO: UMA ARQUEOLOGIA DO SUJEITO

A questão agora é como inserir as descobertas freudianas em uma filosofia deliberadamente reflexiva? Seria o que podemos chamar de uma hermenêutica da psicanálise, ou seja, uma reflexão filosófica que se inspira na psicanálise, uma reflexão que procura elevar ao nível propriamente filosófico os resultados analíticos? Ricoeur (1977) procura aqui uma idéia guia para pensar o discurso analítico e propõe o conceito de Arqueologia do Sujeito. É Ricoeur (1991) quem propõe o conceito, pois não se trata de um conceito que se possa diretamente encontrar em Freud (1969).

A Psicanálise apresenta uma difícil questão para o filósofo, pois questiona o sujeito pensante. O sujeito jamais é aquilo que se crê que ele seja. A crítica é tão radical que põe em dúvida a própria continuidade da tarefa filosófica. O filósofo fica impressionado, perplexo mesmo, com esta ausência do sujeito que pensa e vive. O desapontamento do cogito cartesiano é radical.

O *cogito* é aquilo mesmo que se furta à conceptualização analítica. Nós o procuramos na consciência? A consciência se anuncia como representante do mundo exterior, com função superficial, como uma simples sigla na fórmula desenvolvida consciente/pré-consciente. Procuramos o Ego? É o Id que se enuncia. Recolhemos do Id à instância dominadora? É o Superego que se apresenta. Buscamos o Ego em sua função de afirmação, de defesa e de expansão? É o narcisismo que se descobre, supremo anteposto entre **Si** e **Si mesmo**. O círculo tornou a se fechar e o Ego do *cogito sum* escapou a cada vez (FRANCO, 1985).

Ricoeur (1991) reconhece a justeza da crítica psicanalítica. Não pensa que seja possível confirmar fazendo filosofia como antes. Mas, ele não pensa que seja necessária encerrar a reflexão filosófica. Ele ainda crê na filosofia, crê em uma reflexão pós-psicanalítica. Ele pensa que, depois do advento da psicanálise, a reflexão filosófica precisa incorporar os recursos do próprio freudismo como instrumento de reflexão e da crítica da consciência imediata.

A reflexão pós-psicanalítica, se não passa pela clínica, ao menos passa pelos conceitos psicanalíticos. Trata-se de uma filosofia com um filósofo que abandonou a ingenuidade e segurança da consciência imediata.

Portanto, o *cogito* é sempre um *cogito* colocado, dirigido,

colocado pelo desejo que o sustenta. A reflexão filosófica que emerge do encontro com a psicanálise não precisa passar somente pela ascese tópica: o abandono da consciência imediata. Precisa também passar pela economia freudiana. O caminho econômico é o que leva à regressão, à volta, ao reconhecimento da força do passado na vida humana. É por isso que Ricoeur (1977) propõe seu conceito a arqueologia do sujeito.

No Capítulo V de A interpretação de sonhos, encontra-se uma base clara para este conceito de arqueologia do Sujeito de Ricoeur (1977). O capítulo enfatiza que o aparelho psíquico obedece a uma tendência regressiva, seja formal à imagem, seja cronológica à infância, seja tópica ao inconsciente. A tese subjacente ao livro é que nenhum desejo é eficaz a não ser que se associe a desejos indestrutíveis infantis que habitam o inconsciente humano. O ser humano é atávico. Então, esta marca fundamental da Psicanálise precisa desempenhar um papel preponderante, constituinte mesmo, na reflexão filosófica de inspiração analítica.

A arqueologia que Ricoeur (1977) propõe como conceito não se limita ao indivíduo. Há uma arqueologia da cultura também. Uma das tarefas de uma análise é mostrar o caráter novo, presente, do antigo, mostrar a arqueologia do Sujeito. Mas Freud (1969) enxerga na cultura o que enxerga no indivíduo também. Ele fala especialmente do arcaísmo cultural presente na religião e na moral. Para ele, a religião e a moral têm uma base pulsional atrasada. Tanto o homem quanto a cultura são sempre “puxados para trás”. O que temos aqui são duas temporalidades que se digladiam. O consciente enfrenta um contraponto interpessoal. A existência humana pode, então, ser pensada como uma luta entre duas maneiras de lidar com o tempo, uma luta que finalmente expressa a terrível, decisiva e feroz luta entre *eros* e *tanatos*.

### 2.3 A PSICANÁLISE E O MOVIMENTO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

A psicanálise tem uma abordagem a um só tempo limitada e reveladora da cultura. Limitada quanto aos instrumentos de sua abordagem, reveladora quanto à profundidade de seu enfoque. A psicanálise interpela a cultura em seu conjunto, mas não possui uma explicação exclusiva dela. Seu enfoque é limitado pelo seu ponto de vista. Freud (1969) sabia perfeitamente bem que sua visão era particular e limitada, mas sabia também que sua relevância nascia exatamente de

sua fidelidade a essa visão estreita.

Podemos dizer, então, que a psicanálise precisa ser reconduzida sempre a um caminho de transformação que leva a consciência de si. Aonde esse longo caminho nos conduzirá não sabemos. A psicanálise não tem um destino certo para o ser humano. O que ela faz é mudar a tonalidade, a qualidade do olhar que o homem lança sobre si mesmo. Sua principal contribuição ao jogo ético é seu radical compromisso com a verdade.

### 3 CONCLUSÃO

Quando compreendemos que a psicanálise é uma interpretação da cultura, devemos dizer que ela é também um movimento da cultura contemporânea. Interpretando a cultura, ela se torna um movimento da cultura. Interpretando o mundo, ela o transforma. Então, podemos perguntar: como a psicanálise interpreta a cultura e que lugar a ela se destina na cultura contemporânea?

Interpretar e psicanalisar senão este ser que não cessa de buscar sentido e de lutar por realização. Este ser da transcendência, que instigado pela morte, se revolta e reafirma o primado da vida. Ser do sentido e da realização, ser do constrangimento e da necessidade. A vida afirmada é a vida ferida e é nessa dialética que nos encontramos!

Enfim, seria necessário dizer que o homem, por sua própria condição, é um Ser de falta. E, os conflitos são constitutivos do ser humano, a sabedoria daí decorrente é uma reconciliação com o inevitável. Um pré-requisito constituído pela orientação fundamentalmente não-ética da psicanálise. A tomada de consciência que a psicanálise oferece ao homem é difícil e dolorosa porque é humilhação ao narcisismo. Qualquer construção ética de inspiração psicanalítica deve ser um resultado posterior a esta passagem, uma passagem que nunca termina, que é permanente. A ética na psicanálise é, então, somente limiar e emergente.

### REFERÊNCIAS

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. **Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Notas de J. Strachey. Trad. J. O. de Aguiar Abreu. Rev. tec. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GADAMER, H.G. Vérité et méthode. **Les grandes lignes d'une herméneutique philosophique**. Paris, Ed. du Seuil, 1973.

HABERMAS, J. **Morale et communication; conscience morale et activité communicationnelle**. Trad. fr. de Bouchinomme. Paris: Ed du Cert, 1986.

\_\_\_\_\_. "La modernité: un projet inachevé". **Critique**, nº413, p. 950-967, outubro, 1981.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da Verdade** - A Tese de Kant sobre o ser. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

MANNUCCI, Valério. **Bíblia, palavra de Deus**: curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulinas, 1985.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros Textos Escolhidos**. Trad. J. C Bruni et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich W.A. **A Genealogia da Moral**. Trad. C.J. Meneses. Lisboa: Guimaraes, 1976.

RICOEUR, Paul. **O si-Mesmo como um Outro**. Trad. Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud**. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Série Logoteca).

SCHLEIERMACHER, Friedrich. On Religion: **Speeches to Its Cultural Despisers**. Trad. J. Oman. New York: Harper e Row, 1965.

**Artigo recebido em: 01/6/2012**  
**Aceito para publicação em: 06/9/2012**